

BOLETIM

ECONÔMICO

2º Trimestre
2022

ESTUDO PRODUZIDO POR **LF NOVAIS**
EM PARCERIA COM **GFB**

Sumário Executivo

Na primeira metade de 2022, a indústria farmacêutica e farmoquímica não se saiu bem. Sua produção recuou mais do que o setor industrial em seu agregado, mesmo tendo havido alguma amenização das perdas no segundo trimestre do ano, na esteira da sustentação do dinamismo do PIB do país como um todo.

Este desempenho contrastou com a ampliação de vendas de medicamentos no varejo. Tal gap veio junto com o aumento das importações de biotecnológicos e fórmulas prontas. A pressão concorrencial do produto importado pode também estar na origem de aumento de preços de produtos acabados muito menor no nível da indústria do que ao consumidor.

No acumulado do 1º sem/22, a produção física da indústria de farmacêuticos e farmoquímico encolheu 9,1% em relação ao mesmo período do ano anterior, segundo as estatísticas do IBGE. O descompasso com a indústria de transformação, que inclui o setor farmacêutico e farmoquímico, foi evidente, já que esta registrou variação de -2,2% no período. Ou seja, o setor teve queda mais de 4 vezes maior que o total da indústria.

O 2º trim/22 trouxe amenização, como dito anteriormente, mas a divergência com o agregado da indústria só cresceu. Na comparação com o 2º trim/21, a produção do setor farmacêutico e farmoquímico declinou 7,7% enquanto a indústria de transformação cresceu 0,4%.

Pelo menos três fatores jogaram contra a produção doméstica de medicamentos:

(1) Rupturas das cadeias de fornecedores e aumento de custos. Levantamento da CNI indicou que, no 2º trim/22, 62,5% das empresas do setor tiveram dificuldades na obtenção de insumos. Entre o 1º trim/22 e o 2º trim/22, o setor farmacêutico e farmoquímico apresentou a segunda maior alta na participação de empresas relatando este tipo de problema (+7,5 p.p.).

(2) Elevação dos estoques. Após o declínio observado no 1º trim/22, os inventários voltaram a crescer no 2º trim/22 e encerraram o período acima do planejado pelas empresas.

(3) Aumento das importações. No 1º sem/22, o volume de importações de produtos farmacêuticos e farmoquímicos cresceu 17,4% ante o 1º sem/21, com ajuda da apreciação da taxa de câmbio. No 2º trim/22, quem aumentou foram as

importações de biotecnológicos (15,1%) e de medicamentos (6,1%).

Em contrapartida, as vendas no varejo de medicamentos mantiveram a trajetória ascendente no 1º sem/22: 8,5%, segundo o IBGE, e 10,2%, segundo o IQVIA em unidades.

Tal evolução foi favoravelmente influenciada pela recuperação do mercado de trabalho, que, a despeito da inflação elevada, conseguiu assegurar ampliação da massa de rendimentos, que é a base de consumo das famílias.

Vale lembrar que, segundo os dados do PIB, o consumo das famílias foi o componente da demanda que mais cresceu, acumulando alta de 3,7% no 1º sem/22 e puxando o desempenho total do PIB, que foi de 2,5%. No 2º trim/22, seu dinamismo foi ainda mais intenso: 5,3% ante o 2º trim/21, alavancando um crescimento de 3,2% do PIB do país.

Na origem deste comportamento esteve as medidas anticíclicas adotadas pelo governo, como o saque extraordinário do FGTS, a antecipação do 13º salário de aposentados e pensionistas e a elevação da margem do crédito consignado sobre a renda do beneficiário.

Houve igualmente a normalização das atividades econômicas, notadamente dos serviços, passados os efeitos da ômicron, no início do ano, e com a progressiva ampliação da imunização da população contra a Covid-19.

A demanda reprimida por serviços, principalmente daqueles que conseguiram preservar emprego e renda ao longo da pandemia, vem agora podendo ser efetivada, contrabalanceando, ao menos parcialmente, o impacto negativo decorrente dos patamares elevados da inflação e, conseqüentemente, da perda de poder de compra da população.

No setor farmacêutico e farmoquímico, varejo em crescimento e indústria em retração, pressionada, inclusive, pela concorrência com produtos importados, podem estar por trás da diferença da dinâmica de preços na porta da indústria e para os consumidores que se verificou nesta primeira metade do ano.

Com o reajuste de preços autorizado pela CMED na virada do primeiro para o segundo trimestre do ano, os níveis de preços subiram tanto na indústria como no varejo, mas em ritmos muito diferentes.

A inflação na porta da indústria, captada pelo IPP/IBGE, acumula variação de 3,3% ante uma alta de 9,3% no agregado da indústria de transformação. No varejo, a inflação de medicamentos atingiu 11,9% no período frente a um crescimento de 5,5% no total do IPCA.

Apesar das restrições que a indústria farmacêutica vem sofrendo no curto-prazo, as intenções de investimentos permaneceram no terreno positivo e acima da média da indústria de transformação, mesmo com algum sinal de acomodação.

Segundo levantamento da CNI, a intenção de investimento passou de 70,2% no 1º trim/22 para 66,2% no 2º trim/22. Valores acima de 50 pontos indicam um quadro de expansão. Na indústria de transformação como um todo, o indicador foi menos favorável, ficando em 55,9 pontos.

A acomodação recente no setor farmacêutico e farmoquímico sinaliza que, talvez, as decisões de investimentos em alguns projetos possam ter sido adiadas ante o quadro corrente adverso e incertezas no front externo e internamente, com a perspectiva de mudança de governo.

Outro dado positivo para o setor: agora no 2º trim/22 seu número de ocupados está voltando ao nível pré pandemia, na faixa de 200 mil trabalhadores. Segundo a PNADc/IBGE, a expansão do emprego no setor foi de 30,1% no 2º trim/22, em relação ao mesmo período de 2021.

Economia Brasileira no 2º trimestre de 2022

No segundo trimestre de 2022, graças ao processo de normalização do setor de serviços e à adoção de medidas anticíclicas pelo governo, a economia brasileira conseguiu preservar seu ritmo de crescimento.

Segundo os dados do IBGE, já corrigidos os efeitos sazonais, o PIB do país registrou expansão de 1,2% em abr-jun/22 frente ao trimestre anterior. Com isso, praticamente repetiu o desempenho de jan-mar/22, que foi de 1,1%.

Frente ao segundo trimestre do ano passado, o PIB do país chegou até a registrar aceleração em relação aos resultados anteriores, para um crescimento de 3,2%.

Produto Interno Bruto - PIB do Brasil				
Var. (%) Frente Ao Período Anterior Com Ajuste Sazonal	3º tri/21	4º tri/21	1º tri/22	2º tri/22
PIB Preços de Mercado	0,1	0,8	1,1	1,2
Ótica da Oferta				
Agropecuária	-7,6	5,9	-0,9	0,5
Indústria	0,0	-0,9	0,6	2,2
Extrativa mineral	-1,7	-1,9	-2,8	2,2
Transformação	-1,1	-1,8	1,7	1,7
Construção civil	4,4	1,7	1,0	2,7
Prod. e distr. de elet., gás, água, esgoto	-0,9	1,5	6,5	3,1
Serviços	1,3	0,8	1,1	1,3
Ótica da Demanda				
Consumo das Famílias	1,0	1,0	0,5	2,6
Consumo do Governo	1,0	0,8	-0,1	-0,9
Formação Bruta de Capital Fixo	-0,2	0,1	-3,0	4,8
Exportações	-7,9	-0,3	5,7	-2,5
Importações	-5,4	0,7	-4,0	7,6

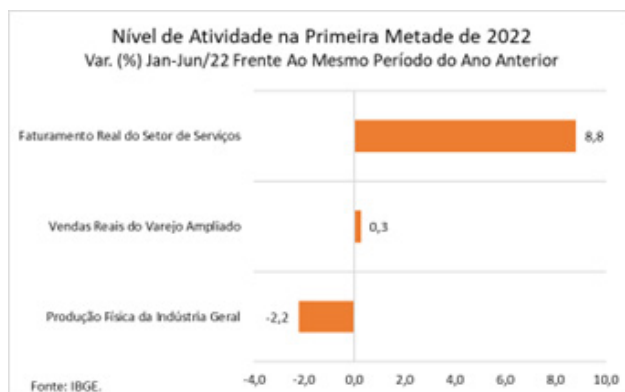
Fonte: Contas Nacionais, IBGE.

Por trás desta evolução recente há dois fatores:

Em primeiro lugar, podemos citar o avanço da normalização das atividades econômicas, notadamente dos serviços, passados os efeitos da ômicron, no início do ano, e com a progressiva ampliação da imunização da população contra a Covid-19.

A demanda reprimida por serviços, principalmente daqueles que conseguiram preservar emprego e renda ao longo da pandemia, vem agora podendo ser efetivada, contrabalanceando, ao menos parcialmente, o impacto negativo decorrente dos patamares elevados da inflação e, conseqüentemente, da perda de poder de compra da população.

A recomposição da parcela dos serviços na cesta de consumo da população pode, inclusive, ter deslocado recursos anteriormente canalizados para a demanda de bens industriais, restringindo o desempenho da indústria em 2022, conforme veremos a seguir.



Em segundo lugar, estão as medidas adotadas pelo governo para suportar a demanda das famílias, a exemplo do saque extraordinário do FGTS, da antecipação do 13º salário de aposentados e pensionistas e da elevação da margem do crédito consignado sobre a renda do beneficiário.

Deste modo, o consumo das famílias foi um dos itens da demanda que mais avançaram no 2º trim/22: 5,3% frente ao mesmo período do ano anterior e 2,6% em relação a jan-mar/22, já descontados os efeitos sazonais.

Também contribuiu o fato de que, bem ou mal, o desemprego no país cedeu ao longo desta primeira metade do ano, ajudando na recuperação da massa de rendimentos, que é a base do consumo interno.



A taxa de desocupação finalmente saiu de dois dígitos e ficou em 9,3%, uma redução de 1,8 p.p. frente ao 1º trim/22 e de 4,9 p.p. em relação ao 2º trim/21. O lado negativo é que ainda são 10 milhões de pessoas sem emprego.

Na ótica da oferta, este dinamismo do consumo das famílias se refletiu na aceleração do crescimento dos serviços, que registraram alta de 4,5% ante o 2º trim/21 e de 1,3% frente ao 1º trim/22.

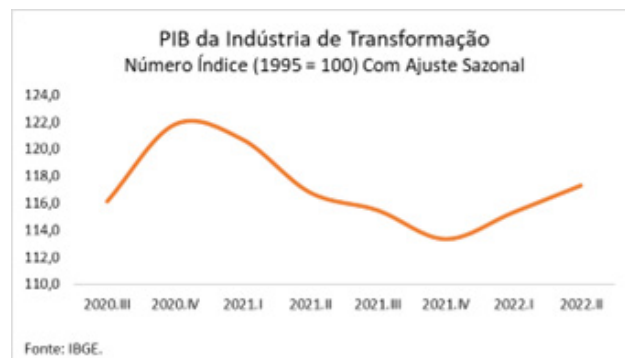
Entre os componentes de serviços, dois se destacaram positivamente: transportes, favorecidos pela maior mobilidade das pessoas, e outras atividades de serviços, sob influência dos serviços pessoais e da retomada de eventos presenciais.

Quanto à indústria, seu PIB teve dinamismo re- vigorado: cresceu +1,9% ante o 2º trim/21 e +2,2% na série com ajuste sazonal. Vale lembrar, contudo, a existência de bases baixas de comparação, pois apresentava até o trimestre anterior quedas seguidas na comparação interanual e, na série com ajuste sazonal, uma sequência de cinco resultados próximos de zero.

O que vimos, então, foi uma amenização do quadro anterior, tal como os dados da produção física da indústria já haviam apontado. No 2º trim/22, a produção física da indústria geral variou -0,2% frente ao 2º trim/21, depois de ter recuado 4,4% no 1º trim/22.

Dentro da indústria, porém, o segmento da indústria de transformação, do qual faz parte o setor

farmacêutico e farmoquímico, pouco progrediu. Seu PIB teve alta de mero 0,5% na comparação com o 2º trim/22, após três resultados negativos seguidos. Em relação a jan-mar/22, livre de efeitos sazonais, repetiu o mesmo desempenho anterior, de 1,7%. Ou seja, sem piora, mas também sem nenhum reforço.



Este quadro de fraca evolução, ainda que evitando o terreno negativo, também havia sido apontado pela evolução da produção física da indústria de transformação, como será discutido na próxima seção, em comparação com a evolução do setor farmacêutico e farmoquímico.

Os motores na indústria no 2º trim/22, segundo os dados do PIB, foram a construção civil e as atividades de eletricidade e gás, água, esgoto e de gestão de resíduos. Este último segmento foi quem mais cresceu, ao registrar alta de 10,9% frente ao mesmo período do ano anterior e de 3,1% ante jan-mar/22.

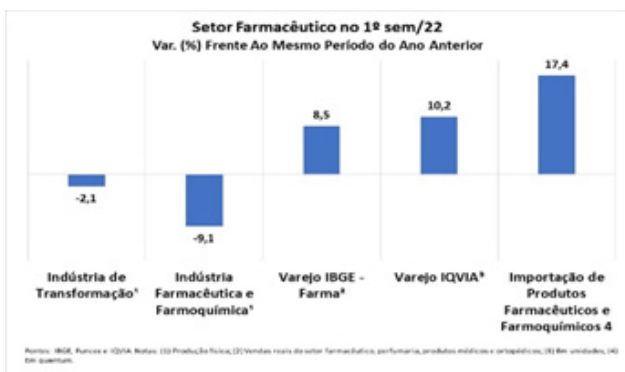
O resultado da construção civil não ficou atrás: 9,9% ante o 2º trim/21 e 2,7% na série com ajuste. Muito disso se refletiu na expansão do investimento (1,5% e 4,8%, respectivamente), já que a construção de habitações compõe a formação bruta de capital fixo do país. O que está aquecido é a construção de imóveis residenciais, sobretudo, de alto padrão, nos nossos principais centros urbanos.

Como síntese do período recente, ilustrando bem o quadro atual na indústria, temos o contraste dos resultados no acumulado da primeira metade de 2022 frente a igual período de 2021: para o PIB como um todo há alta de 2,5%, para a indústria em seu agregado a situação é de estagnação, com variação de apenas 0,2%, enquanto para a indústria de transformação o movimento é de retrocesso: -2,1%.

O setor farmacêutico e farmoquímico na primeira metade do ano

O fechamento dos indicadores econômicos até junho de 2022 mostrou que as tendências observadas no início do semestre se acentuaram, em alguns aspectos, nos meses de abril a junho.

Do ponto de vista da indústria farmacêutica, neste período, o desempenho não só ficou abaixo da média da indústria de transformação como a diferença se ampliou. Em relação à comercialização de medicamentos no varejo, por sua vez, nota-se expansão elevada nos dois primeiros trimestres de 2022. A dissonância entre produção industrial e vendas no varejo foi acompanhada de aumento das importações de medicamentos.



A produção física da indústria de transformação, que havia terminado o 1º sem/21 com alta de 14,3%, fechou o 1º sem/22 com queda de 2,1%. Já, a indústria farmacêutica nos primeiros seis meses de 2021, ao não contar com uma base baixa de como o restante da indústria, registrou queda de 1,7%, que se acentuou para uma retração de 9,1%, no 1º sem/22.

Pelo menos três fatores jogaram no sentido de impor restrições à produção doméstica de medicamentos.

O primeiro deles diz respeito aos problemas na cadeia de fornecedores. A combinação da postura de "covid zero" da China na passagem do primeiro para o segundo trimestre, com novos lockdowns, e a eclosão do conflito Rússia-Ucrânia, no final de fevereiro, recolocaram, em 2022, a desorganização da rede fornecedora de insumos industriais na economia global.

A grande concentração da compra de insumos farmacêuticos e de medicamentos prontos em poucos países potencializa os problemas atrelados aos gargalos da cadeia produtiva do setor.

Outro aspecto deste fator foi a elevação dos custos industriais, pressionados pela alta das commodities, falta de matérias-primas estratégicas e desarranjo na logística internacional.

A sondagem realizada pela CNI confirmou a existência de gargalos ainda relevantes na cadeia produtiva na indústria brasileira. A pesquisa identificou que no 2º trim/22 62,5% das empresas do setor farmacêutico e farmoquímico apontaram problemas na obtenção de insumos. Em sondagem anterior, divulgada no final do ano passado, 55% das empresas do setor relatavam problemas na cadeia global de fornecedores de matérias-primas.

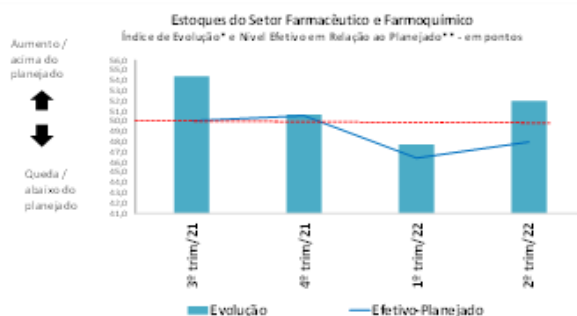
Entre o 1º trim/22 e o 2º trim/22, o setor farmacêutico e farmoquímico apresentou a segunda maior alta na participação das empresas relatando este tipo de dificuldade (+7,5 p.p.).



fonte: Sondagens da CNI

Frente a este quadro, a produção de farmacêuticos e farmoquímicos permaneceu negativa em todos os meses do 1º sem/22, na comparação interanual, com exceção de abril. O resultado de junho com redução de 23,4%, na comparação interanual, comprometeu o resultado do 2º trim/22.

Um segundo fator para este quadro foi a elevação dos estoques no setor farmacêutico. Após o declínio observado no 1º trim/22, os inventários voltaram a crescer no 2º trim/22 e encerraram o período acima do planejado pelas empresas.

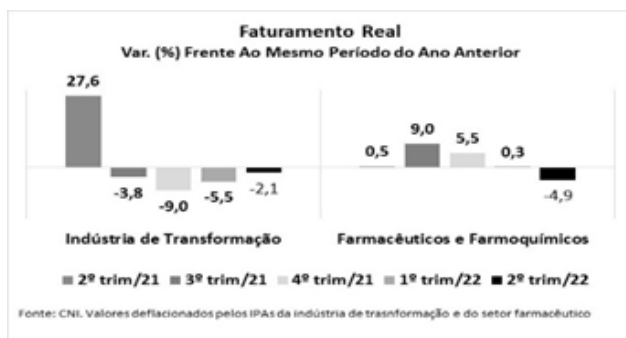


Fonte: Sondagem Industrial da CNI. * valores acima de 50 indicam expansão do nível de estoques frente ao mês anterior. ** valores acima de 50 indicam estoques efetivos acima do planejado

Segundo sondagens da CNI, entre abr/22 e jun/22, o índice de evolução de estoques da CNI saiu de uma situação de equilíbrio (50 pontos) para um quadro de elevação (54,7 pontos), atingindo neste último mês níveis efetivos acima do planejado pelas empresas (51,6 pontos).

O terceiro fator, foi a ampliação das importações que, como será visto em mais detalhes a seguir, coube principalmente a produtos biotecnológicos e medicamentos acabados. A importação de farmoquímicos, coerente com o declínio da produção doméstica do setor, também se reduziu.

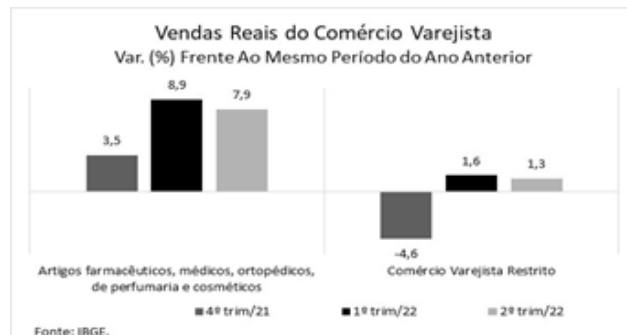
Ao lado da redução da produção física, a sondagem conjuntural da também CNI captou, nos últimos trimestres, desaceleração e redução do faturamento real da indústria farmacêutica. Do 3º trim/21 até o 1º trim/22, o faturamento real do setor desacelerou de um crescimento interanual de 9,0% para 0,3%. Neste período, a média da indústria de transformação registrou desempenhos negativos, melhorando a cada trimestre.



No 2º trim/22, em linha com a trajetória da produção física, o faturamento real do setor farmacêutico registrou queda de 4,9%, em relação ao mesmo período de 2021. Os meses de maior retração no faturamento foram abril (-9,7%) e junho (-5,7%). Na indústria de transformação, a redução no faturamento neste período foi de 2,1%.

Este cenário de menor atividade do lado da produção não se reproduziu no varejo de medicamentos.

Segundo o IBGE, as vendas do varejo do setor de artigos farmacêuticos da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), que também incluem produtos médicos, ortopédicos, perfumaria e cosméticos, aumentou 8,5% no 1º sem/22, sendo que no 2º trim/22 a variação foi um pouco menor (+7,9%), em relação ao mesmo período de 2021.



Já, o total das vendas do comércio varejista (em seu conceito restrito, que exclui automóveis, autopeças e material de construção) acusou crescimento de 1,3%, no 2º trim/22, na comparação com o mesmo período 2021.

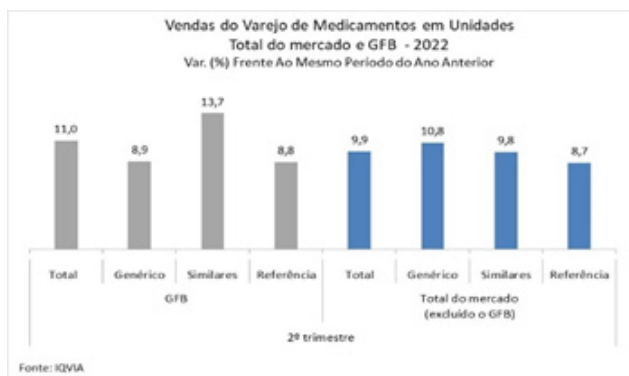
O crescimento do emprego e as menores perdas no rendimento real dos trabalhadores, configuraram um quadro positivo para o consumo de medicamentos no país.

Nos meses de abril a junho, a ocupação e a massa de rendimentos real cresceram, respectivamente, 9,9% e 4,8%, em relação ao 2º trim/21, e a taxa de desemprego ficou a baixo de dois dígitos (9,3%) pela primeira vez no desde o final e 2015, conforme mencionado na primeira seção deste boletim.

As informações sobre as unidades de medicamentos comercializadas no varejo no levantamento da IQVIA seguiram as tendências da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE.

Segundo o IQVIA, as unidades de medicamentos vendidas no mercado interno no 1º sem/22 se expandiram 10,2% ante o 1º sem/21, o que significou um acréscimo de 249 milhões de unidades neste período. Este aumento foi acompanhado dos mesmos volumes nos dois primeiros trimestres de 2022: +124 milhões no 1º trim/22 e +125 milhões no 2º trim/22.

Nos meses de abril a junho, as empresas do Grupo Farma Brasil (GFB) registraram alta de 11,0%, na comparação interanual com acréscimo de 50 milhões de unidades neste período. No total do mercado de varejo farmacêutico exceto GFB, a alta foi um pouco inferior, de 9,2%, e o incremento de unidades atingiu o volume de 75 milhões de unidades.



Os similares comercializados pelas empresas do GFB se destacaram no 2º trim/22 com crescimento de 13,7%, em relação ao mesmo período de 2021, enquanto que no total do mercado exceto o GFB, a expansão foi menor (+9,8%). Em termos de unidades acrescidas neste período, o GFB adicionou 27 milhões de unidades nas vendas e as demais empresas nacionais e multinacionais adicionaram 39 milhões no mercado.

Nos medicamentos de referência, a trajetória na comparação entre as empresas do GFB e as demais empresas do mercado foi próxima com variação interanual de, respectivamente, 8,8% e 8,7%.

No caso do genéricos, o agregado do setor (excluído o GFB) registrou uma expansão interanual no 2º trim/22 de 10,8%, acima do resultado observado no agregado das empresas do GFB (8,9%).

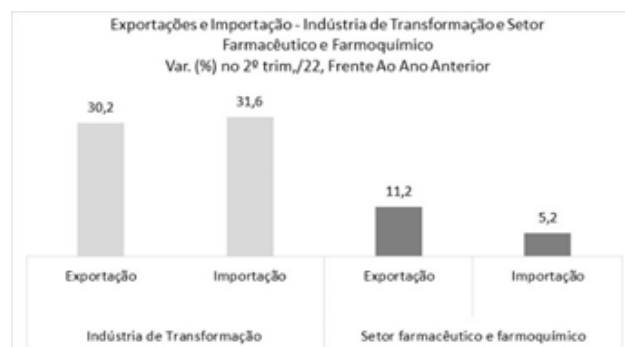
O quadro de dinamismo da comercialização de medicamentos no mercado interno foi capturado pelo aumento das importações de medicamentos no 1º sem/22.

Neste período o volume de importações cresceu 17,4%, em relação ao mesmo período de 2021. A taxa de câmbio nominal média do 1º sem/22 se apreciou 5,5%, em relação ao mesmo período de 2021, e pode também ter sido um fator de impulso às compras externas do setor.

O desempenho trimestral da balança comercial do setor farmacêutico e farmoquímicos apresentou diferenças relevantes. O desempenho do 1º trim/22, quando as importações tinham crescido bem acima das exportações, não se repetiu no 2º trim/22.

Entre o 1º e o 2º trimestre de 2022, o fluxo de comércio do setor (soma de importações + exportações) se reduziu, de um valor de US\$ 4,6 bilhões para a faixa de US\$ 4,2 bilhões. As importações de produtos farmacêuticos e farmoquímicos cresceram 5,2% no 2º trim/22, na comparação interanual, e as exportações avançaram 11,2%.

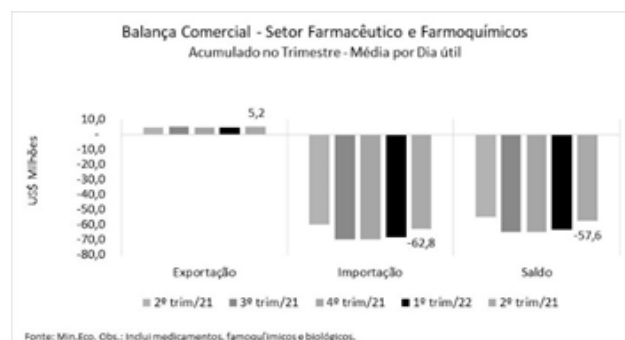
As importações que cresceram no 2º trim/22 foram os biotecnológicos (15,1%) e os medicamentos (6,1%). As compras externas de farmoquímicos caíram 5,6%.



A desaceleração das compras externas, especialmente de IFAs, neste período, reflete a menor atividade industrial nacional e problemas recorrentes com fornecimento no mercado internacional.

Vale observar que a indústria de transformação como um todo manteve as taxas de variação das exportações e importações em dois dígitos em 2022.

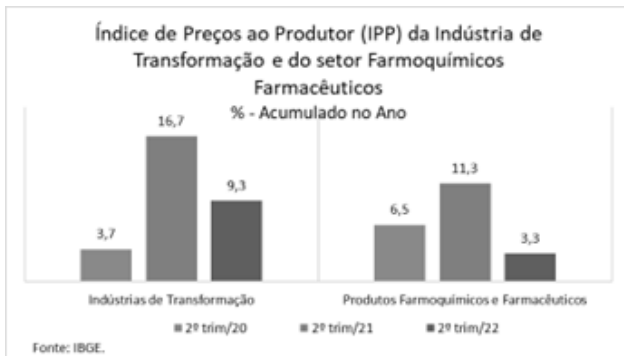
O déficit comercial do setor farmacêutico e farmoquímico atingiu o montante de US\$ 3,6 bilhões no 2º trim/22, com média por dia útil de US\$ 57,6 milhões. Isto significou que, no acumulado dos meses de abril a junho de 2022, este déficit equivaleu a 25% do déficit total da indústria de transformação.



Evolução Recente dos Preços

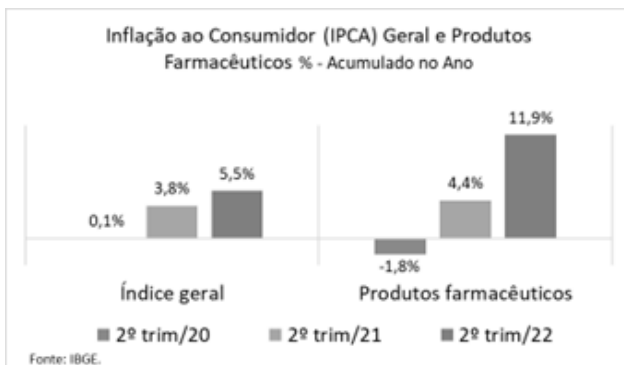
Com a correção de preços de medicamentos definida pela CMED, os indicadores de preços de medicamentos registraram aceleração a partir da virada do primeiro para o segundo trimestre de 2022. No varejo o ganho de velocidade foi muito mais intenso do que na média dos preços das "portas das fábricas".

Segundo o índice IPP divulgado pelo IBGE, que mede as variações de preço dos produtos que saem da indústria, a inflação de farmoquímicos e farmacêuticos deixou o terreno negativo do 1º trim/22 (-2,8%) para trás e acumulou alta de 3,3% no ano até o final do 2º trim/22.



Apesar desta evolução positiva, o IPP do setor continuou não exercendo pressão sobre o agregado da indústria de transformação, cuja alta no acumulado do ano na "porta da fábrica" chegou a 9,3%, quase o triplo, portanto, da inflação registrada pela indústria de farmacêuticos e farmoquímicos.

Já no varejo, este quadro se inverte. O IPCA de produtos farmacêuticos, que no 1º trim/22 encontrava-se abaixo do IPCA geral (2,2% ante 3,2%, respectivamente), não apenas registrou forte aceleração, passando para o patamar de 11,9% no acumulado da primeira metade deste ano, como superou em muito o IPCA geral deste período (5,5%).

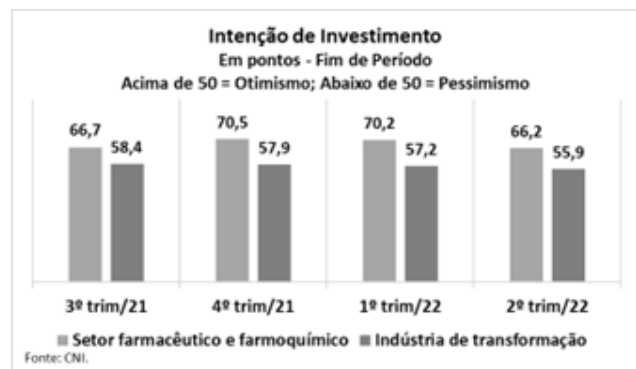


Isso demonstra uma capacidade de repasse de preços muito maior no varejo do que na indústria de produtos farmacêuticos e farmoquímicos.

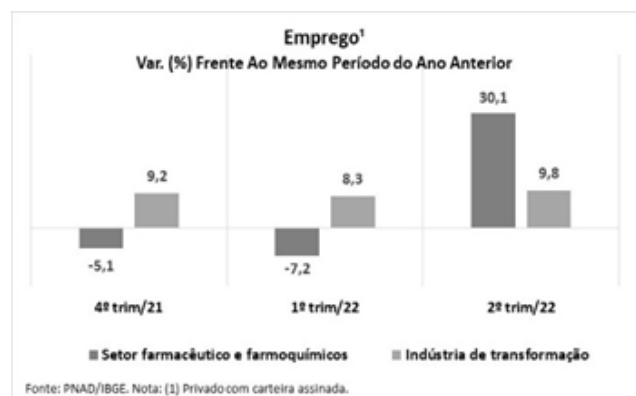
Investimentos e emprego na Indústria Farmacêutica

Apesar das restrições que a indústria farmacêutica vem sofrendo no curto-prazo, as intenções de investimentos permaneceram no terreno positivo e acima da média da indústria de transformação no 2º trim/22.

Entretanto, notou-se ligeira redução do indicador de intenção de investimentos da CNI: de 70,2% no 1º trim/22 para 66,2% no 2º trim/22, sinalizando que, talvez, as decisões de investimentos em alguns projetos possam ter sido adiadas, diante da evolução corrente do setor e de incertezas derivadas dos cenários internacional e das eleições no Brasil.



De fato, a permanência de elevada intenção de investir no setor se relaciona com a necessidade das empresas se modernizarem, responderem às mudanças do mercado e darem continuidade ao acúmulo de capacidade inovativas. Expansão de áreas de P&D são fundamentais para as empresas conseguirem inovar e ganhar mercados em novas classes terapêuticas e/ou realizarem inovações incrementais em medicamentos já disponíveis no mercado.



Uma informação que coaduna com essas perspectivas de médio e longo prazos favoráveis para o setor farmacêutico e farmoquímico foi o aumento das contratações. Em 2020, o setor ampliou o número de ocupados para responder aos desafios da pandemia, o que foi ajustado em 2021 e, agora, no 2º trim/22, o emprego está voltando ao nível pré pandemia na faixa de 200 mil trabalhadores. Segundo a PNADc do IBGE, a variação interanual do emprego no setor foi de 30,1% no 2º trim/22.